Uma vida a serviço do Brasil

Abgar Renault *

Manoel Bergstrom Lourenço Filho foi personalidade múltipla e, todavia, coerente, cuja riqueza seria engano delimitar em conformidade com as fronteiras dos fatos da educação, por mais atraente e significativa que para ele tenha sido essa área de conhecimento. Foi, sem dúvida, um cientista: seu espírito via e considerava com fineza cartesiana as coisas e os problemas por elas apresentados em desafio ao homem, mas era, por igual, sensível e plástico. Esse duplo aspecto, a um só tempo rígido e dúctil, lógico e fino, complexo na sua curiosidade e, ao mesmo tempo, capaz de concentração inflexível em uma só província de conhecimento e, nela, em uma só questão; o seu hábito de reflexão *more geometrico,* a aguda sensibilidade e o *esprit de finesse* a temperar esse hábito de lógica e segurança espiritual, numa palavra — a sua aparentemente contraditória trama psicológica, ele a deveu provavelmente às suas origens: filho de pai português e de mãe sueca, veio a espelhar a sensibilidade móbil de uma de suas raízes e a fria inclinação lógica da outra. Tais origens explicam a sua urdidura psicológica e a ambivalência desta: a continência verbal, o desgosto do estilo flórido e aparatoso, a discrição, os meios-tons, a atitude espiritual de reserva e defesa, sem prejuízo da confiança que lhe inspirassem, a contenção de excessos e efusões e, ao mesmo tempo, a graça no dizer e no escrever, o sentimento da beleza estética, a bondade acolhedora e prestimosa.

Tal sinapse de fatores contrários, mas não excludentes uns dos outros, veio a compor singular personalidade em que o poder imaginativo harmoniosamente se aliou à seriedade científica, uma alternadamente a re-

* Membro da Academia Brasileira de Letras; ministro do Tribunal de Contas da União; ex-ministro da Educação e Cultura.

presar os possíveis excessos da outra, uma a outra socorrendo, quando qualquer das duas, isolada, corresse o risco de falhar.

Lourenço Filho foi, por isso mesmo, um homem sem excessos: guardou sempre sábio meio-termo entre as duas tendências capitais do seu espírito — a especulação imaginativa e a contenção lógica. É bem possível que o fato de ser uma sensibilidade de meios-tons, isto é, guiada pelo sentimento da exatidão, lhe tenha encaminhado a curiosidade no rumo da mais jovem de todas as ciências — a psicologia, que, em virtude de sua natureza e do seu objeto, não pode deixar de ser ciência de meios-tons, mas é bem de ver que, nesse difícil campo de conhecimento, Lourenço Filho ainda mais se esmerou na busca da exatidão, precisamente porque a psicologia é, por excelência, a área das sutilezas, das tintas evasivas, dos amplos aspectos que alcançam e procuram esclarecer fugitivas extensões de fatos, do seu centro aos seus extremos; é uma ciência de delicadezas, e sua aliança aos dados obtidos pelas conquistas daquela busca da exatidão repontam como essenciais à correção do vago e ao preenchimento das zonas de imprecisão e de incerteza.

Como se vê, Lourenço Filho era uma inteligência eminentemente crítica, dotada de exatos instrumentos de investigação e apreensão, e, ao mesmo passo, uma sensibilidade que facilmente penetrava as regiões em que a lógica, por si só, é incapaz de mover-se satisfatoriamente, sendo-lhe indispensáveis os apoios da finura e da imaginação, para criar sutil instrumento final de integração e de síntese. Tratava diferentemente os pontos de indecisão e incerteza e os pontos claros e concretos e sabia unilos para que formassem, afinal, unidade real para o exercício do trabalho final do seu espírito. Em qualquer empreendimento, graças a essa afortunada composição intelectual, completada pelo estudo crítico, pela análise e pela reflexão, sempre se guardava sabiamente entre o desejável e o exeqüível, e a realidade lhe era facilmente identificável à primeira vista, por forma que nunca se perdeu em aventuras administrativas. Cada um de seus passos previa o seguinte, e todos eram dados com uma ciência minuciosa do terreno por pisar e, pois, dentro de serena segurança. Demais disso, como sabia medir com exatidão as distâncias a que se achavam os fins visados e os meios disponíveis para alcançá-los, como não nutria ilusões acerca dos empeços e emperros da administração pública, onde tudo surpreende de forma negativa, as balizas que fincava no tempo eram infalíveis no indicar início e conclusão das tarefas planejadas.

Lourenço Filho dava a impressão, com freqüência, de ser um céptico, mas o seu cepticismo haverá sido aparente ou foi antes reflexo do seu temperamento fino e contido do que uma forma completa de ser. Se, entretanto, foi um céptico, o seu cepticismo não lhe travou jamais a ação criadora; constituiu-se apenas em elemento a mais, na sua personalidade, para procedimentos que se desenvolviam entre a prudência e a tolerância. E aí está mais um traço da sua personalidade que dele fazia homem incapaz de ímpetos e façanhas, notadamente os em que a sua pessoa pudesse surgir como alvo de êxito espetaculoso em qualquer das áreas,

públicas ou particulares, confiadas às suas admiráveis aptidões. Não se tem notícia de haver jamais Lourenço Filho freqüentado, por gosto, as colunas dos jornais; quando o fez, foi instado por interesses superiores.

Aquela busca da exatidão foi a primeira das preocupações do seu corpo-a-corpo diário com os problemas educacionais ou, melhor, com todas as questões, tendo constituído sinal evidente dessa constante o fato de que foi dos mais ardentes advogados da aplicação da estatística à educação e o de que foi o primeiro a utilizar esse instrumento como regra, e não esporadicamente, na administração da educação pública de São Paulo, quando seu diretor-geral, e dele continou a lançar mão no dia-a-dia da direção do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — INEP, que modelou, organizou e durante vários anos dirigiu por incumbência do preclaro homem público que foi e é Gustavo Capanema, naquela época ministro da Educação.

Movia-o continuadamente a leituras e estudos vários insaciável curiosidade, que ia muito além dos temas educacionais, sem embargo de terem esses a sua preferência a ponto que poderia, adaptando o conhecido lugar de Terentius, declarar: "Sou educador, e nada do que é educacional é estranho a mim." Aliás, nem seria indispensável modificar a sentença do poeta latino, pois a educação é, por natureza, dotada de tal sentido e tal conteúdo de universalidade humana, em razão mesmo de sua tendência a recobrir cada vez mais todo o tecido social, que são ambíguos todos os limites tendentes a descrevê-la. Sua curiosidade se pôs freqüentemente a serviço dos seus dons de observação e análise, e dessa feliz conjunção nasceu o *Juazeiro do Padre Cícero,* notável estudo psicossocial, que Lourenço Filho escreveu durante sua permanência de dois anos no Ceará, como diretor e reformador do sistema educacional desse estado.

O seu convívio com as crianças, quando professor primário em Porto Ferreira, interior de São Paulo, marcou-lhe a sensibilidade e fê-lo exímio contador de histórias infantis, das quais compôs longa série, talvez desconhecida dos meninos de hoje, adultos precoces, já nascidos sem infância...

Escreveu paralelamente obras fundamentais em todos os setores da educação, que orçam por quinze volumes, pelo menos, o último dos quais sobre administração escolar, sem neles incluírem-se numerosos prefácios, conferências, palestras e traduções; abarcam esses livros a educação pré-primária, a primária, a secundária, a que outrora se chamava normal e a superior e, em certo sentido, envolvem também a administração, quer direta, quer indireta, consistindo em ensino objetivo e fundado em experiências pessoais, já que conviveu longamente com a vida escolar em seus vários graus.

Trabalhador a quem a fadiga não opunha empeços, deixou obra larga, variada e original, em que se foi abrindo cada vez mais o seu amplo espírito, numa constante renovação, maiormente em tudo quanto se rela-

cionava com a psicologia, sua conceituação, seus problemas capitais e os elementos constitutivos do seu estudo. Inicia-se modestamente com uma cartilha de alfabetização, mas vários volumes de sua obra acabaram sendo traduzidos para o espanhol, o francês, o inglês e o árabe. Ainda assim, não faltou a Lourenço Filho tempo para dirigir, na Companhia Melhoramentos de São Paulo, a *Biblioteca da Educação, Biblioteca Infantil* e a coleção *Viagem através do Brasil.*

Dentre os estudos e pesquisas levados a cabo por ele, a *Contribuição ao estudo experimental do hábito* é citada no *Nouveau Traité de Psychologie,* de George Dumas e seus colaboradores, e a publicação *Psychologues Scolaires,* do Bureau International d'Education, afirma serem os testes ABC, também de autoria do grande mestre brasileiro, as provas psicológicas mais utilizadas nos países de língua latina, depois dos testes de Binet e Simon.

O professor foi dominante em Lourenço Filho. Ainda quando administrava, era professor, pois o seu administrar incluía o preparar ou aperfeiçoar o pessoal com quem lidava. A sua carreira magisterial foi completa: iniciou-a como professor primário e encerrou-a como professor emérito da então Universidade do Brasil. Solicitado a reformar o sistema de ensino do estado do Ceará, procedeu sempre, no exercício do cargo de diretor de educação, como professor consumado e realizou verdadeiro movimento social, a que presidiu mais a personalidade do mestre do que a presença do mais alto funcionário do sistema de educação de uma unidade federativa. Tudo fez, então: foi da organização das classes à construção dos prédios, uniu saúde e educação, estudou e ensinou as secas e escreveu os programas e as recomendações metodológicas, de que muito me apraz citar este tópico muito apropriado ao momento educacional do nosso país: "O professor deve procurar *falar bem,* com clareza e correção, não permitindo que seus alunos falem errado em qualquer aula. Nas aulas destinadas à linguagem oral, deve, porém, dedicar atenção especial ao combate dos erros e vícios mais comuns, exigindo *boa pronúncia.*"

Apesar da atração do magistério, sempre imperiosa, Lourenço Filho exerceu muitos cargos na administração da educação em seu estado e também na esfera federal. Da sua atuação, por exemplo, na Diretoria-Geral do Ensino de São Paulo, quando criou o Instituto Pedagógico e o Serviço de Psicologia Aplicada, defluiu e espalhou-se pelo País a fama do seu nome, e, em 1931, dele veio a valer-se Francisco Campos, ministro da Educação, que, com a sua prodigiosa inteligência e com o seu forte sentimento dos valores autênticos, o convocou para chefe do seu gabinete.

Uma vez fixada sua residência no Rio de Janeiro, Lourenço Filho entregou-se também ao exercício do magistério, havendo lecionado no Instituto de Educação da Prefeitura do antigo Distrito Federal, que reorganizou, e, logo após, na Faculdade de Filosofia do Distrito Federal e na Faculdade Nacional de Filosofia em que a primeira se transformou, havendo ainda, a convite do inesquecível Anísio Teixeira, dirigido a Escola

de Educação da Universidade do Distrito Federal, onde lecionou psicologia da Educação. E não se esgotou nesses misteres a sua extraordinária capacidade de sentir, pensar e fazer e, assim, como assinalei, veio a organizar e dirigir o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — INEP, por designação de Gustavo Capanema, que nele teve a fortuna, a fortuna deliberadamente conquistada, de encontrar o seu mais exímio colaborador na área técnica.

Não se limitou Lourenço Filho a fundar e dirigir aquele órgão com a sua habitual proficiência, havendo realizado inquéritos e estudos fundamentais para a pedagogia brasileira, notadamente no âmbito do ensino primário, senão que também formou excelente grupo de colaboradores, um dos quais, Murilo Braga, veio a substituí-lo por indicação sua, e, demais disso, como nunca o estimulasse nenhum ânimo competitivo, tão comum entre oficiais da mesma profissão, aconselhava com seu poder esclarecedor quantos o tomassem de socorro em qualquer extremidade.

De seus saberes também eu me vali, quer como diretor do Departamento Nacional de Educação, quer como secretário de Educação de Minas Gerais, merecendo assinalar aqui a colaboração inestimável que me prestou na preparação de projeto de lei destinado a disciplinar, libertando-as da política partidária, a localização e a criação de prédios para estabelecimentos de ensino primário. O projeto converteu-se em lei que, quando sancionada, foi objeto de altos encômios num congresso internacional que se realizava em Petrópolis, havendo o representante do México pedido sua tradução para três línguas e declarado que, se nada mais houvesse aprendido no Brasil do que o texto da mencionada lei, a sua viagem haveria sido suficientemente frutuosa. Mas... já se escoaram trinta anos... a política estendeu de novo as suas garras, e a lei caiu em dessuetude. Esse recuar no tempo impele-me a anotar, não sem amargura, que do INEP pouco resta além da sigla: destroçaram-no metodicamente... Triste Brasil, que nada sabe conservar e entende que reformar é destruir e esquecer, sem dar ouças a estas sábias palavras de Anísio Teixeira: "O educador é um servidor do passado e da sobrevivência deste passado no amanhecer do dia seguinte."

Em 1947, como diretor, pela segunda vez, do Departamento Nacional de Educação, Lourenço Filho lançou a idéia, que ele próprio traduziu em ato, da alfabetização de adultos, a qual assumiu a forma administrativa de "campanha", com o fito de ser subtraída aos freios, pesos e entraves burocráticos a ação criadora em âmbito nacional. Bem sabia ele que sem esse recurso o grande plano encalharia no porto de partida.

Um ensino supletivo destinado a adultos em geral, entre eles entendidos os menores analfabetos pertencentes a grupo etário estranho já à escola primária, constituía idéia original, pois nos EUA e na Europa o que se achava sob aquela denominação não tinha por finalidade a alfabetização de adultos, nem a de adolescentes: era e é um tipo de ensino

especial, que continua o secundário e, até, o próprio superior e já vem sendo conhecido como educação permanente.

A campanha foi criticada e combatida em jornais de prestígio, nos quais vieram a lume numerosos artigos assinados, a ela asperamente contrários e, mais, talvez, do que a ela, ao educador emérito que a imaginara, articulara e pusera por obra. Mas Lourenço Filho não se comoveu em face das críticas formuladas em fundamentos falsos e prosseguiu no seu trabalho.

Em 1965, veio a ser apurado pelo notável professor e administrador Carlos Pasquale, então diretor do INEP, que a queda da taxa de analfabetismo, em nosso país, de cerca de 60% para 39% só tinha uma explicação: a campanha lançada por Lourenço Filho dezoito anos antes.

Em conferência da Unesco, levada a efeito em Teerã, em 1965, fiz concisa exposição das diretrizes pedagógicas e administrativas do ensino supletivo brasileiro, e o nosso país veio a ser colocado na vanguarda, entre os estados-membros daquele órgão, no relativo à propriedade da orientação a que obedecia para alcançar as metas fixadas no programa internacional de alfabetização de adultos.

O Brasil é um país sem memória e, por isso, desagradecido: não guarda a mais distante ou imprecisa lembrança de que todo o seu ensino supletivo tem suas raízes diretamente fincadas no duro solo trabalhado por Lourenço Filho.

A atualidade do pensamento desse grande mestre é impressionante: o ensino primário foi preocupação que não arrefeceu nunca em seu espírito e em seu coração, e estas palavras de 1952, em conferência pronunciada na Associação Brasileira de Educação, podem ser dadas por escritas hoje: "Na educação primária põe o regime a base mesma da sua existência. É como se dissesse: sem educação primária generalizada, universal, gratuita e obrigatória, não há cidadania. Sem cidadania, não pode haver vida nacional no sistema representativo. Logo, sem educação primária, não há nação. Atende à letra e ao espírito da Constituição a forma pela qual a União vem gastando recursos do erário nacional com os diferentes ramos do ensino?... E há, em cada estado, maior previsão, no sentido de se atenderem as necessidades reais da população em matéria tão-somente de educação primária, aspecto que é, como vimos, substancial à própria existência do regime?..."

Atentemos agora nos conceitos sobre a cultura geral, particularmente na sua força de aproximação, de solidariedade e de coesão dos homens entre si, que, estranhamente, quanto mais se reduz a escala do seu mundo, quanto mais doméstico este se torna, tanto mais isolados ficam, condição que se explicará, talvez, pelo fato de que a "coletivização" cada vez mais intensa aboliu o homem como indivíduo e o entregou a uma sociedade onde não encontra o seu semelhante, nem se encontra a si próprio. Eis o que diz Lourenço Filho: "(...) É a cultura geral que

leva os homens a admitir valores sociais e morais, a revê-los e engrandecê-los. A cultura especializada afasta os homens, a cultura geral os congrega (...) A cultura não é apenas o desenvolvimento do saber: a cultura é o espírito mesmo da nação." O mestre feriu aí nota vibrante sobre o problema da especialização, que fecha os espíritos dentro de altas e espessas paredes, reduz a visão e domina os gestos e as atitudes em face da vida geral. O extraordinário aprofundamento que se verifica, dia por dia, em cada rumo tomado pelo espírito é efeito de uma especialização que o isola na sua diferença essencial e equivale, pois, a danosa mutilação.

Lourenço Filho não foi apenas um técnico: foi um homem da cultura, e essa designação cobre também o homem de letras — além de *Juazeiro do Padre Cícero,* que, sendo obra de sociólogo e psicólogo, é também obra literária e lhe abriu as portas da Academia Paulista de Letras, mediante convocação de Amadeu Amaral, deixou os volumes de literatura infantil já nomeados, cuja feitura só poderia ter sido levada a termo pela sensibilidade da fina arte das letras. Lembra-me ainda, no relativo ao seu exercício da crítica literária, excelente artigo sobre o livro *Nós,* no qual saudou a estréia de Guilherme de Almeida e anteviu o grande poeta que ele viria a ser, e é com saudade que consigno aqui os seus comentários, que tanto me honraram, a propósito de poemas de minha autoria publicados em jornais e revistas do Rio de Janeiro.

Tudo quanto escreveu é simples e evidente e vazado em boa linguagem, apesar de sólido e profundo, e prova que não é o aparato verbal, nem — muito menos — o seu exotismo e o seu esoterismo que substanciam as páginas do especialista; este não precisa de pôr de mão o seu estilo em tolices como *contingenciamento, identificação do problema, posicionamento, comportamento do café, agilização de meios, alocação de recursos, perfis profissiográficos, operacionalização dos currículos, confiabilidade informacional, dados confiáveis, verificação* in loco *das instalações de um complexo educacional e do seu comportamento* (como se isso pudesse ser feito pelo telefone), *elementos educógenos* e outros horrores abstrusos, inúteis e estranhos ao nosso idioma, utilizados pela maioria dos que hoje dissertam de educação, economia e anexos e tão de resto tratam a beleza e a decência da linguagem.

É fácil imaginar quanto Lourenço Filho poderia, com sua visão prospectiva e o seu infalível senso de proporções, sugerir na atual conjuntura da educação no mundo, ajudando a discernir entre o supérfluo e o essencial, o livre e o anárquico, o exeqüível e o ilusório.

Quando se reconhece — e chega retardio esse reconhecimento — que o futuro do continente europeu e, com ele, o dos demais continentes se joga desabridamente numa corrida entre a educação e a catástrofe; quando o *homo sapiens* já foi redefinido pela expressão *homo maniacus,* por motivos de vária raiz; quando, sem solver o problema da educação atual e obrigatória, já se está a preparar a "educação permanente", cuja

necessidade não se discute em face da mutação e da acumulação contínua de novos dados científicos, mas cujas utópicas fronteiras se evidenciam, a distância, igualmente indiscutíveis, num mundo perplexo diante do seu maravilhoso poder e da sua anemia esquizofrênica, a ausência irremediável de Lourenço Filho, do seu equilíbrio, da sua prudência, do seu poder de antecipação e do seu esforço criador é uma lástima para o nosso país.

Seria estranhável se encerrássemos estas palavras sem uma definição da postura científica de Lourenço Filho, e é ele próprio quem a oferece nestes termos concisos e sábios — "A ciência não se constitui de um acervo de conhecimentos a transmitir: é, sobretudo, um método de pesquisa."

Quem escreve esse lapidar conceito assume posição evidente em favor, não só do método, mas também da experimentação, proclama sabiamente o perpétuo devir da ciência, afirma o princípio do antidogmatismo e defende o espírito de tolerância, a prudência e a modéstia dos verdadeiros sábios.

De outra parte, Lourenço Filho admite que os dados empíricos não devem bastar ao espírito científico; têm de ser elaborados por via de hipóteses e teorias, cujas explicações têm de submeter-se, entretanto, à pesquisa e à elaboração novamente.

Assim, se o seu espírito foi, em dado momento, atraído por Watson, nunca foi por ele dominado, e a psicologia jamais teve para ele conteúdo puramente físico; a realidade psicofísica do homem foi sempre globalmente por ele considerada.

Seu objetivo crucial, ao fazer-se mestre dessa ciência, parece ter sido sua aplicação à educação. Para isso teve de compreendê-la como instrumento capaz de investigar o ser humano, não apenas em si, mas *em situação,* pois realmente é por empreender alcançar o homem em sua realidade concreta e total que a psicologia invade tantas regiões convizinhas e leva ao estudo de aspectos especiais como a psicopedagogia ou psicologia da educação, a psicologia do trabalho, a psicologia da arte, a psicologia social, a medicina psicossomática, empenhando-se profundamente no exame e compreensão completos do real.

É legítimo afirmar acerca de Lourenço Filho que, múltiplo e compósito na sua figura espiritual, foi surpreendentemente uno e coeso na criação de grande obra magisterial, de grande obra administrativa e de grande obra escrita, as quais se associaram em unidade e solidariamente criaram admirável instrumento social a serviço do Brasil.

A sua contribuição à nossa pedagogia e às suas aplicações nas salas de aulas e a consagração, que por seu intermédio alcançou, do respeito internacional nessa área riquíssima de esforços de tantos países mais civili-

zados do que o nosso constituem títulos inestimáveis, que ultrapassam a sua individualidade e se refletem em nossa cultura.

A esse grande mestre, a esse criador de valores, a esse homem recatado, que viveu vida simples, operosa e honrada, a esse grande brasileiro, a quem a cadeira número 29 da Academia Brasileira de Educação tem a glória de haver por patrono, a palavra da saudade que temos da sua presença e a palavra da veneração por tudo quanto representou em nossa vida pública, científica e cultural.



Amedeo Modigliani (40 x 50)

Um bom presente revela sempre a personalidade de quem o envia.
Deve ser nobre, de bom-gosto e, antes de tudo, tornar-se inesquecível. Como as nossas telas.
Reproduções de quadros dos grandes mestres, importadas da Itália, com textura idêntica aos originais, só reconhecidas por especialistas.
Liberte o artista que há em Você.

Vendas com exclusividade:
Livrarias da Fundação Getulio Vargas
RIO: Praia de Botafogo, 188
Av. Graça Aranha, 26 — lojas C e H
S. PAULO: Av. Nove de Julho, 2.029
BRASÍLIA: SCLS, 104 — Bloco A, lojas 27/37

PRESENTEIE COM ARTE